



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS VALENÇA DO PIAUÍ
CURSO PÓS-GRADUAÇÃO (LATO SENSU) EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS E
COMPLEMENTARES EM SAÚDE**

MAYRA SILVA LIMA

OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO NA FITOTERAPIA

VALENÇA DO PIAUÍ

2024

MAYRA SILVA LIMA

OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO NA FITOTERAPIA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado como exigência para obtenção do certificado do Curso de Pós-Graduação (Lato sensu) em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Valença do Piauí.

Orientador: Prof^a. Pauline Sousa dos Santos

VALENÇA DO PIAUÍ

2024

OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO NA FITOTERAPIA

Mayra Silva Lima¹
Pauline Sousa dos Santos²

RESUMO

A fitoterapia é mundialmente reconhecida por ser uma prática milenar, que faz uso de plantas medicinais no tratamento, prevenção e cura de doenças, sendo considerada uma forma de medicina alternativa cada vez mais reconhecida e integrada aos sistemas de saúde. Assim, a presente pesquisa objetiva avaliar os perigos atrelados a automedicação com medicamentos fitoterápicos a partir de uma revisão integrativa de literatura, de pesquisas científicas publicadas nos últimos dez anos, na forma de trabalhos completos, gratuitos e em língua portuguesa. Os resultados obtidos demonstram que os consumidores modernos desejam desempenhar um papel ativo na manutenção da própria saúde, pois segundo a pesquisa, a automedicação é comum, impulsionada por diversos fatores como desejo de autocuidado, falta de tempo, restrições financeiras e disponibilidade de medicamentos fora das farmácia, contudo é preciso utilizar com cautela os fitoterápicos, pois alguns tipos de medicamentos podem apresentar riscos que superam seus benefícios, sobretudo a apresentação de problemas hepáticos por parte dos pacientes, é de suma importância a observação sobre os usos e indicações, pois entende-se que apesar de naturais, os fitoterápicos não estão isentos de causar danos. Diante disso, entende-se como primordial a necessidade de uma maior conscientização da população acerca do uso adequado dos fitoterápicos, para que, deste modo, a população tenha condições de aproveitar os benefícios desses medicamentos, sem que para isso, ponha sua saúde em risco, pois a automedicação é um conceito alarmante.

Palavras-chave: Automedicação; Efeitos colaterais; Plantas medicinais.

ABSTRACT

Phytotherapy is recognized worldwide for being an ancient practice, which makes use of medicinal plants in the treatment, prevention and cure of diseases, being considered a form of alternative medicine that is increasingly recognized and integrated into healthcare systems. Thus, this research aims to evaluate the dangers linked to self-medication with herbal medicines based on an integrative literature review, of scientific research published in the last ten years, in the form of complete, free works in Portuguese. The results obtained demonstrate that modern consumers want to play an active role in maintaining their own health, as according to the research, self-medication is common, driven by several factors such as the desire for self-care, lack of time, financial constraints and availability of medicines outside the pharmacy, however, it is necessary to use herbal medicines with caution, as some types of medicines may present risks that outweigh their benefits, especially the presentation of liver problems by patients, it is extremely important to observe the uses and indications, as it is understood that Despite being natural, herbal medicines are not exempt from causing harm. In view of this, the need for greater awareness among the population about the appropriate use of herbal medicines is understood as essential, so that, in this way, the population can enjoy the benefits of these medicines, without putting their health at risk., as self-medication is an alarming concept.

Keywords: Self-medication; Side effects; Medicinal plants.

Data de aprovação: 10/07/2024

¹ Bacharelado em Enfermagem - Universidade Federal do Piauí, Especialista em Saúde Pública com ênfase em Saúde Da Família— Uninter, Especialista em Unidade de Terapia Intensiva - IESM—. Email: mahlima220390@gmail.com

² Farmacêutica – Universidade Federal do Piauí, doutorado em Biotecnologia. E-mail: paulinesousasantos@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais vem aumentando mundialmente, seja como infusão, decocção ou fitoterápicos, pois existem relatos, pesquisas e estudos que denotam que tais substâncias são bons coadjuvantes em doenças crônicas como hipertensão, diabetes ou ansiedade e depressão. Além do mais, é de conhecimento popular que as plantas também são úteis para tratar doenças agudas como indigestão, inflamação, tosse e outras doenças menores (Esteves *et al.*, 2020).

Em virtude de sua importância medicinal, diversas plantas chegam a ser consideradas suplementos dietéticos ou terapias alternativas no tratamento de uma gama de enfermidades. No entanto, tal como outros medicamentos, os fitoterápicos possuem substâncias ativas, e em virtude disso, as pessoas que fazem uso deste tipo de substâncias ficam expostas a riscos como efeitos adversos (como cólicas, náuseas, sonolência, entre outros) dependendo do tipo de planta, forma de preparo e doses. Além disso, em estados como gravidez, amamentação ou certas patologias algumas das plantas medicinais podem ser contraindicadas (Marques *et al.*, 2019), além de que, elas também podem ser uma causa potencial de interações com outros medicamentos (Lombardo, 2018).

A fitoterapia é mundialmente reconhecida por ser uma prática milenar, que faz uso de plantas medicinais no tratamento, prevenção e cura de doenças, sendo considerada uma forma de medicina alternativa cada vez mais reconhecida e integrada aos sistemas de saúde modernos (Esteves *et al.*, 2020). E de acordo com o supracitado, embora arraigada em tradições culturais profundas, não está isenta de riscos, especialmente quando empregada sob a forma de automedicação.

A automedicação, é definida como a seleção e uso de medicamentos (incluindo plantas medicinais) para tratar doenças ou sintomas autodiagnosticados sem consulta prévia a um médico ou farmacêutico, sendo considerada por Bennadi (2014) como uma prática recorrente, sobretudo por conta da facilidade de acesso a informações via Internet e a crescente disponibilidade de produtos naturais têm facilitado essa prática, que pode conduzir a diagnósticos incorretos, uso de dosagens inadequadas, interações medicamentosas prejudiciais e atraso no tratamento de condições médicas sérias.

A popularidade da fitoterapia é impulsionada pela percepção de que "natural" é sinônimo de "seguro", no entanto, essa suposição é muitas vezes equivocada, pois plantas medicinais contêm compostos bioativos poderosos que podem causar efeitos colaterais significativos e interações com outros medicamentos (Ernst, 2002). Como é o caso do hipericão (*Hypericum perforatum*), comumente usados para tratar depressão leve a moderada, que pode interferir na eficácia de medicamentos como anticoncepcionais e anticoagulantes (Lombardo, 2018).

Diante dessas questões, diversos países implementaram leis específicas e regulamentos para reger a prática da fitoterapia, visando estabelecer padrões para sua qualidade, quantidade, credenciamento e educação. Esses esforços são direcionados na promoção da aplicação segura e eficiente de fitoterapia por praticantes da medicina tradicional. Além disso, a variação na qualidade, pureza e dosagem dos preparados de plantas medicinais pode aumentar o risco de reações adversas. Mas a falta de regulamentação rigorosa em muitos países agrava esse problema, levando a discrepâncias significativas na segurança e eficácia dos produtos fitoterápicos disponíveis comercialmente (Ekor, 2014).

A problemática da automedicação com plantas medicinais também se estende às interações com tratamentos convencionais, pois a ideia de cura por meio da fitoterapia pode levar indivíduos a abandonar tratamentos alopáticos comprovadamente eficazes, optando por alternativas naturais sem o respaldo de evidências científicas robustas, o que na visão de Esteves

et al. (2020) é particularmente preocupante em doenças crônicas como diabetes e hipertensão, em que o tratamento inadequado pode resultar em complicações graves e irreversíveis.

A relevância do tema em voga, refere-se ao fato de os consumidores devem estar cientes dos potenciais riscos associados à automedicação com fitoterápicos, e em virtude disso, a educação em saúde deve promover o uso dessas substâncias a partir de protocolos de usos seguro dessas substâncias, enfatizando a importância de consultas com profissionais de saúde qualificados antes de iniciar qualquer tratamento fitoterápico, pois os sistemas de saúde devem integrar a fitoterapia de maneira responsável e baseada em evidências, garantindo que os profissionais estejam bem informados sobre os benefícios e riscos desses tratamentos para poderem orientar adequadamente seus pacientes. Deste modo, a presente pesquisa objetiva a avaliar os perigos atrelados a automedicação com medicamentos fitoterápicos a partir de uma revisão integrativa de literatura.

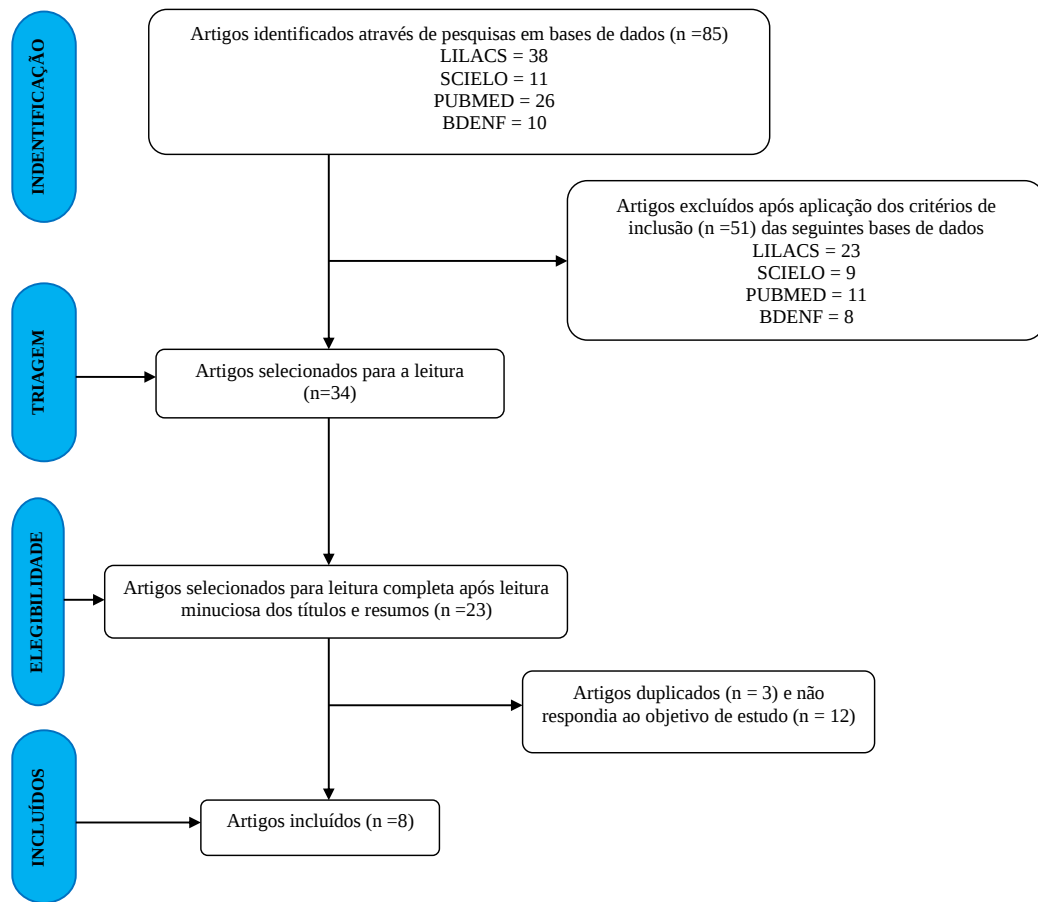
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é uma pesquisa bibliográfica baseada nos pressupostos da revisão integrativa (Koche, 2016). A presente revisão é composta pelas etapas: identificação do tema; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; fichamento dos temas selecionados e avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; categorização dos estudos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão do conhecimento (Sousa *et al.*, 2017), adotando-se o modelo PRISMA para a seleção dos trabalhos avaliados.

A busca dos artigos foi desenvolvida através dos bancos de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) a partir do uso de termos boleanos na base de dados do *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Lilacs), PubMed/Medline e Scielo. Os critérios de inclusão dos artigos foram: serem publicados entre o período de 2014 e 2024, estarem disponíveis em texto completo e apresentarem-se em língua portuguesa e foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs): “fitoterapia”; “automedicação” e “Medicamento Fitoterápico”. Utilizou-se como critérios de exclusão: trabalhos incompletos, pagos, e trabalhos que disponibilizavam apenas resumos, além de trabalhos em outros idiomas. Após a identificação, foi realizada a seleção dos artigos, de acordo com o objetivo proposto e os critérios de inclusão previamente definidos.

Todos os estudos identificados por meio da estratégia de busca foram inicialmente avaliados por meio da análise dos títulos e resumos. A amostra inicial, com a pesquisa dos boleanos combinados, foi composta por um total de 85 artigos encontrados nas bases de dados avaliadas. Destes, após a aplicação dos demais filtros de inclusão e leitura dos títulos foram selecionados 8 artigos para a leitura de resumos e do texto completo de forma minuciosa para identificar os critérios de inclusão. Em seguida, os artigos selecionados tiveram suas características descritas e alocadas em um quadro estruturado, em que os trabalhos foram descritos quanto ao título, revista, objetivo do trabalho e resultados encontrados, conforme descrito no Fluxograma Prisma (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma Prisma da seleção independente dos estudos de revisão integrativa da literatura. LILACS/SCIELO/PUBMED/BDENF, 2014-2024.



Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação é tradicionalmente definida como “a ingestão de medicamentos, ervas ou remédios caseiros por iniciativa própria ou por conselho de outra pessoa, sem consultar um médico, e diante de uma realidade cotidiana, reconhece-se que os dias praticamos a automedicação na forma de autocuidado com a nossa saúde, seja por ideias próprias, seja por indicações de terceiros e até mesmo pelas ideias apresentadas em sites, vídeos e redes sociais.

Por volta da década de 1960, no Ocidente, o autocuidado e a automedicação eram considerados práticas desnecessárias e potencialmente prejudiciais (Marques *et al.*, 2019), mas atualmente, a automedicação é tratada como um desejo das pessoas/pacientes em desempenharem um papel inteligente, independente e informado, não apenas em termos de tomada de decisões, mas também na gestão de medidas preventivas, diagnósticas, apesar de muitas vezes não terem ciência dos malefícios dessa prática, sobretudo com a medicina natural. Desde modo, o quadro 01 apresenta um resumo das informações contidas nos artigos analisados para a construção da presente pesquisa.

Quadro 1 – Apresentação dos artigos analisados segundo título, revista, objetivo e resultados.

Autores/Ano	Título do Artigo	Objetivo do Trabalho	Método	Resultados Encontrados	Conclusões
Souza; Barboza; Cerqueira, 2018	Interações Medicamentosas e Efeitos Adversos Relacionados ao Uso de Fitoterápicos	Descrever a importância do cuidado no uso de medicamentos fitoterápicos e suas possíveis complicações	Revisão bibliográfica	Observou-se um aumento nas reações adversas devido ao uso de fitoterápicos, muitas vezes relacionado à falta de conhecimento da população e automedicação	É necessário conscientizar a população sobre o uso adequado dos fitoterápicos para aproveitar seus benefícios sem riscos à saúde
Rebelo; Barbosa; Oliveira, 2022	Riscos Associados à Automedicação de Fitoterápicos no Processo de Emagrecimento	Alertar sobre os riscos da automedicação de fitoterápicos no processo de emagrecimento	Revisão bibliográfica	Foram identificados danos nefro e hepatotóxicos e interações medicamentosas com alopáticos, indicando que a automedicação com fitoterápicos pode ser perigosa	O uso de fitoterápicos deve ser supervisionado por profissionais para evitar riscos à saúde
Silva et al., 2017	Segurança no Uso de Plantas Medicinais e Fitoterápicos Durante a Gestação	Avaliar a segurança do uso de plantas medicinais e fitoterápicos durante a gestação	Revisão bibliográfica	O estudo encontrou evidências de que alguns fitoterápicos podem ser seguros durante a gestação, mas também identificou plantas que podem causar efeitos adversos	É importante que o uso de fitoterápicos durante a gestação seja orientado por profissionais de saúde para garantir a segurança da mãe e do bebê
Silva et al, 2018	A Prática da Automedicação em Crianças por seus Pais	Investigar a prática da automedicação em crianças pelos pais e cuidadores	Estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvido com 17 familiares cuidadores de crianças internadas em um hospital do Sul do Brasil. Os dados foram coletados em 2016 por meio de entrevistas e analisados pela Análise de Conteúdo.	Identificou-se que febre e dor foram os principais sintomas que levaram à automedicação, com uso comum de antitérmicos e analgésicos sem prescrição médica	A automedicação em crianças é uma prática comum, destacando a necessidade de orientação adequada aos pais e cuidadores sobre os riscos envolvidos
Mendonça et al., 2022	Conhecimento popular e automedicação com plantas medicinais em gestantes de um município do Nordeste brasileiro	Analisar o uso de plantas medicinais por gestantes e os possíveis efeitos na saúde materna e fetal	Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. As informações foram coletadas por meio de um questionário semiestruturado e um grupo focal de gestantes.	A maioria das gestantes utilizou plantas medicinais durante a gestação, muitas vezes sem orientação adequada, destacando a crença de que plantas são seguras por serem naturais	A educação sobre o uso seguro de plantas medicinais durante a gestação é essencial para evitar riscos à saúde materna e fetal

Silva et al., 2021	Avaliação de práticas e saberes sobre fitoterapia e automedicação entre graduandos de enfermagem: Um estudo transversal	Avaliar o conhecimento e a prática da automedicação entre estudantes de enfermagem	Foi aplicado um questionário semiestruturado com perguntas relativas ao perfil socioeconômico e acadêmico, indagações sobre práticas e saberes em fitoterapia e automedicação.	A maioria dos estudantes relatou praticar automedicação, principalmente com analgésicos e fitoterápicos, sem formação adequada em fitoterapia	É necessário desenvolver estratégias educacionais para abordar a automedicação e o uso de fitoterápicos durante a formação dos profissionais de saúde
Silva; Guedes, 2022	Automedicação e Uso de Fitoterápicos: Desafios e Possibilidades	Descrever a importância do cuidado no uso de medicamentos fitoterápicos e suas possíveis complicações	Estudo transversal que população estudada foi composta pelos pacientes com diagnóstico de câncer que realizavam tratamento no hospital da FAP, porém para o cálculo amostral foi considerado o tamanho da população (N) de 1.590	Observou-se um aumento nas reações adversas devido ao uso de fitoterápicos, muitas vezes relacionado à falta de conhecimento da população e automedicação	É necessário conscientizar a população sobre o uso adequado dos fitoterápicos para aproveitar seus benefícios sem riscos à saúde
Zampirolli et al., 2017	Utilização de medicamentos e plantas medicinais por gestantes atendidas na unidade de saúde da mulher em Alegre, ES, Brasil	Avaliar o consumo de chás medicinais durante a gestação e seus efeitos potenciais	O estudo foi realizado por meio de entrevistas. Foram entrevistadas 115 gestantes	Identificou-se que 17% das gestantes utilizavam chás medicinais, com efeitos adversos potenciais como abortivos e relaxantes uterinos	É crucial que gestantes sejam informadas sobre os riscos associados ao uso de chás medicinais para garantir a segurança durante a gestação

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

Os consumidores modernos desejam desempenhar um papel mais ativo na manutenção da sua própria saúde e, na maioria das vezes, são competentes para gerir doenças crônicas e recorrentes, com aspectos não complicadas. E após um diagnóstico médico adequado seguido de um aconselhamento profissional ocasional, os pacientes conseguem manejar o uso de corticoides tópicos, antifúngicos, anticoncepcionais orais e alguns outros tipos de medicamentos (Marques *et al.*, 2019). Compreensivelmente, eles não estão dispostos a submeter-se à inconveniência de consultar um médico quando entendem podem fazer sozinhos, desde que recebam informações adequadas.

A automedicação é muito comum e existem vários motivos que podem ser enumerados para justificar a prática, que perpassam desde o desejo de autocuidado, o sentimento de simpatia pelos familiares doentes, a falta de tempo, a falta de serviços de saúde, as restrições financeiras, a descrença, a extensa publicidade e até a disponibilidade de medicamentos em outros locais que não as drogarias são responsáveis pela tendência crescente de autocuidado (Silva *et al.*, 2020). E no que tange ao uso de medicamentos fitoterápicos, a preocupação com a automedicação é recorrente, pois diante da sensação do “natural”, muitos pacientes entendem que se trata de uma medicina que não precisa de acompanhamento profissional, e pode ser ministrada com menor cautela, sobretudo para enfermidades mais simples e comuns.

Os fitoterápicos são composições medicamentosas extraídas de plantas medicinais e, que, a partir de seus princípios ativos, podem aliviar sintomas e até mesmo curar doenças, ainda que ocasionalmente apresentem efeitos adversos (Mendonça *et al.*, 2022). Em 2022 o faturamento dessa indústria superou a casa dos 800 milhões de reais e representou um aumento de 13,2% quando comparado ao crescimento do ano anterior (Brasil, 2023).

Por causa deste comportamento de consumo e para controlar ou acompanhar a venda desses produtos, muitos países desenvolveram suas próprias regulamentações, de modo que no Brasil, as regulamentações são estruturadas a partir de critérios médicos, antropológico-sociais, botânico-econômicos e econômicos (Oliveira *et al.*, 2022). Principalmente porque o uso tradicional de plantas para tratamento de doenças pela população e a confirmação de seu efeito biológico por uma série de estudos, tendem a estimular seu uso terapêutico, contudo, a partir dos resultados de diversas pesquisas, nota-se que os componentes das plantas utilizadas demonstram que o uso dessas variedades está além do seu uso na medicina popular (Marques *et al.*, 2019).

Silva e colaboradores (2017) buscaram caracterizar o perfil da automedicação por meio do consumo de plantas medicinais em pacientes submetidos ao tratamento antineoplásico em um hospital de Campina Grande-PB. Segundo os autores, o tratamento do câncer é realizado com o objetivo de aumentar a sobrevivência dos pacientes, mas que na maioria das vezes, os tratamentos adotados promovem o aparecimento de efeitos indesejáveis sobre os tecidos e sistemas do organismo, como notado para pacientes de quimioterapia e radioterapia.

A pesquisa de Silva *et al.* (2017) foi realizada com 68 pacientes em tratamento para câncer, dos quais, 48,5% relataram que utilizaram medicações à base de plantas medicinais com o objetivo de tratar o câncer, ao tempo que 18% dos entrevistados afirmaram que recorriam ao uso de plantas medicinais para tratar os efeitos colaterais que surgiram após o início do tratamento antineoplásico. Segundo os autores, o uso deste tipo de medicações é bastante usual, sobretudo por ser considerada uma terapia de baixo custo, natural e por apresentar-se como de fácil acesso, por conta dessas características, Wang *et al.* (2019) discorre que a utilização de plantas medicinais é considerada uma das opções adotadas no tratamento de enfermidades de todos os tipos, inclusive no combate ao câncer.

As plantas mais utilizadas pelos pacientes avaliados eram: noni (*Morinda citrifolia*, 14,3%), boldo (*Peumus boldus*, 11,4%), erva cidreira (*Melissa officinalis*, 11,4%), erva doce (*Pimpinella anisum*, 11,4%), graviola (*Annona muricata*, 8,6%) e hortelã (*Mentha spicata*, 8,6%). A partir das discussões descritas, os autores ressaltaram que apesar de algumas plantas

apresentarem efeitos antitumorais comprovados em testes in vitro, como é o caso do Noni, ao serem utilizadas de forma incorreta elas podem ocasionar danos à saúde como toxicidade hepática, interações medicamentosas, hipercalermia e reações alérgicas, principalmente de pacientes em condições semelhantes ao grupo de estudo, pois tende a ficar mais debilitado fisiologicamente devido às medicações administradas durante o tratamento convencional.

Mendonça *et al.* (2022) avaliou o conhecimento popular e automedicação com plantas medicinais em gestantes do município de Juazeiro do Norte – CE, e constataram que 97,59% das participantes fizeram uso de plantas medicinais durante a gestação, e em sua totalidade o realizaram sem acompanhamento médico. Enquanto a avaliação para medicamentos industrializados demonstrou que 68,67% das entrevistadas utilizaram esses produtos por meio de prescrição médica, por entenderem que a gravidez demanda de cuidados específicos.

As principais plantas medicinais utilizadas pelas gestantes do estudo foram: camomila (*Matricaria chamomilla* L.), erva cidreira (*Melissa officinalis*), capim santo (*Cymbopogon citratus*), boldo (*Peumus boldus*), cebola branca (*Allium aescalonicum*), hortelã (*Mentha* sp) e endro (*Foeniculum vulgare*). Mas também foram utilizadas limão (*Citrus limonum*), canela (*Cinnamomum zeylanicum*), malva (*Malva sylvestris*), casca da laranja (*Citrus sinensis*), maracujá (*Passiflora edulis* Sims), aroeira (*Astronium urundeuva*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), eucalipto (*Eucalyptus*), e jatobá (*Hymenaea courbail* L.). Segundo os autores, apesar de serem plantas comuns ao cotidiano, a camomila é considerada relaxante da musculatura uterina, e quando consumida durante a gravidez pode aumentar o risco de aborto, além disso, 18% das participantes tiveram abortos prévios.

Já Zampirolli *et al.* (2017) buscou identificar a utilização de medicamentos e plantas medicinais por parte das gestantes atendidas unidade de Saúde da Mulher, em Alegre-ES. Foram entrevistadas 115 gestante e 21% afirmaram utilizar-se da prática de automedicação, e entre as plantas medicinais mais utilizadas pelas gestantes, destaca-se o *Cymbopogon* sp. (capim cidreira), contudo, apesar de acharem inofensiva, além do efeito calmante, o capim cidreira possui como efeito adverso a ação abortiva por possuir a propriedade de relaxamento do útero.

Silva e Guedes (2022) discutem que Espécies vegetais como sene (*Senna alexandrina*), cáscara sagrada (*Rhamnus purshiana*), frângula (*Rhamnus frangula* L.) e ruibarbo (*Rheum* L.,) contém antraquinonas e por isso são comumente utilizadas como laxantes por mulheres grávidas. Entretanto, esses vegetais também podem induzir as contrações uterinas, aumento do fluxo sanguíneo e o aborto. Outras plantas utilizadas durante a gestação são *Ruta graveolensis* L. (Arruda) que apresenta atividade biológica abortiva e estimulante do útero (Vieira; Fernandes, 2021), também existem grávidas que fazem uso de *Pneumus boldus* (Boldo verdadeiro) que apresenta potencial abortivo e citotóxico, a *Luffa operculata* L. (Buchinha), também abortiva, a *Aloe vera* (Babosa) possui características abortiva e citotóxica, e a *Rheum rhabarbarum* (Ruibarbo), com potencial abortivo, genotóxico e mutagênico

Ainda de acordo com os resultados de Mendonça *et al.* (2022), as entrevistadas informaram que a cultura familiar teve maior influência na construção de seus conhecimentos acerca das plantas medicinais, mas os autores destacaram que algumas gestantes relatam que obtiveram informações sobre essas plantas a partir de fontes da internet, demonstrando que existe uma tendência de inovação das fontes de informações.

A partir das constatações supracitadas, nota-se que imprescindível que toda população, estando em período gestacional ou não, compreendam que os fitoterápicos formulados a partir da mistura de diversas plantas, e muitas vezes não existem estudos ou informações específicas e suficientes a respeito da toxicidade e efeitos colaterais dessas substâncias usadas na gravidez ou em outros períodos, além do mais esses medicamentos naturais podem conter adulterações, contaminações, preparação ou armazenamento incorreto, além do uso irracional, ressaltando a necessidade, de em caso de consumo, buscar entender a origem dos compostos.

Silva *et al.* (2018) objetivou conhecer como se dá a prática da automedicação em crianças por parte de seus pais e constataram que os familiares possuem o hábito de realizar a automedicação por meio do uso de plantas medicinais, principalmente chás para tratamento de dor abdominal, dor de garganta, cólica, gripe, constipação e agitação. De modo que houve relatos da associação de medicamentos convencionais e plantas medicinais, ressaltando que o uso de plantas medicinais é amplamente difundido entre os cuidadores e que realizam a administração dos compostos sem nenhuma consulta médica, e destacaram a dificuldade de chegar ao serviço de saúde, problemas de locomoção ou dificuldades de acesso ao serviço de saúde por superlotação, bem como o longo tempo de espera e até a negligência de profissionais de saúde em não atender e investigar os sintomas são os principais fatores atrelados a prática de automedicação por parte dos responsáveis por crianças.

Rabelo, Barbosa e Oliveira (2022) avaliaram os riscos associados à automedicação de fitoterápicos no processo de emagrecimento e constataram que é preciso utilizar com cautela os fitoterápicos associados ao emagrecimento, pois alguns tipos de medicamentos podem apresentar riscos que superam seus benefícios, sobretudo a apresentação de problemas hepáticos por parte dos pacientes, além da possibilidade de interação medicamentosa de alguns fitoterápicos não apresentarem indícios de interações medicamentosas, é de suma importância a observação sobre os usos e indicações, pois os autores entendem que apesar de naturais, os fitoterápicos não estão isentos de causar danos.

Os autores ainda alertam que os consumidores precisam atentar-se ao controle de qualidade, eficácia e danos dos medicamentos antes iniciar o consumo destes, destacando-se a necessidade de recorrer ao acompanhamento devido, como o farmacêutico e médico, para que possa ter resultados benéficos que os fitoterápicos trazem sem seus malefícios associados a não moderação.

Silva *et al.* (2021) buscaram realizar um levantamento sobre o conhecimento e uso de fitoterápicos e/ou plantas medicinais e a automedicação entre discentes de Enfermagem e com base nos resultados obtidos, cerca de 66% utilizam ou utilizaram fitoterápicos ou plantas medicinais para tratar alguma enfermidade. Em se tratando da frequência de uso dos fitoterápicos e plantas medicinais, e destes 5,8% fazem uso diário dessas substâncias, além de que, entre os entrevistados, 50% afirmam indicar ou já ter indicado o uso de plantas medicinais e/ou fitoterápicos a outras pessoas, mesmo não possuindo formações específicas em fitoterapia.

Os autores abordam que a falta de capacitação sobre o tema, entre os estudantes participantes da pesquisa, reflete na ideia de que a fitoterapia não é um tema de grande importância e relevância na formação profissional, fazendo com que estes não busquem aprofundar-se na temática e encará-la como uma opção viável de tratamento para uma série de enfermidades.

Souza, Barboza e Cerqueira (2018) objetivaram-se a discutir sobre a importância do cuidado no uso de medicamentos fitoterápicos e suas possíveis complicações, e a partir dos resultados obtidos, os autores discorrem sobre o crescente aumento de reações adversas pelo uso de fitoterápicos normalmente relacionados à falta de conhecimento da população, que acredita que a fitoterapia é uma prática terapêutica isenta de efeitos colaterais e o uso indiscriminados dessas substâncias acabará ocasionando uma piora no estado de saúde do paciente, sobretudo nos casos de automedicação praticados sem cautela ou orientação.

Entende-se que existe um grande potencial para o desenvolvimento de novos medicamentos produzidos diretamente a partir de produtos naturais biologicamente ativos, ou sinteticamente, com base na sua estrutura química e apesar do uso disseminado de plantas medicinais para diversas funções, é de extrema importância mostrar que muitos efeitos colaterais adversos, alguns muito graves, foram atribuídos a algumas espécies.

Ademais, alguns efeitos colaterais como reações alérgicas, mutações, intoxicações, teratogênese, carcinogênese e interações medicamentosas podem ocorrer caso o uso do

fitoterápico ou planta medicinal seja irrestrito, e apesar da existência de legislações, nota-se que a falta de um controle mais rigoroso desses medicamentos possibilita a contaminação por metais pesados, medicamentos convencionais, herbicidas ou pesticidas, e o que foi inicialmente desenvolvido para tratar, pode ser a causa de diversas doenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fitoterapia é um grande exemplo de como a medicina está firmemente ligada ao âmbito cultural, pois quem utiliza os produtos fitoterápicos acreditam em seu grande "poder de cura", de modo que são indicados por familiares a amigos ao longo das gerações, mas pode causar sérios riscos se for utilizada de maneira inadequada, principalmente como com a estimulação da automedicação.

A partir da presente pesquisa, observou-se que o uso e aplicação de fitoterápicos é recorrente em diversas culturas, faixas etárias e utilizadas para o tratamento de diversas doenças e até mesmo em associação com tratamentos convencionais, entretanto, essa prática pode inferir em agravos a saúde, sobretudo quando utilizadas sem critérios. A automedicação é comum, entretanto alguns efeitos colaterais como reações alérgicas, mutações, intoxicações, teratogênese, carcinogênese e interações medicamentosas podem ocorrer caso o uso do fitoterápico ou planta medicinal seja irrestrito.

Diante disso, entende-se como primordial a necessidade de uma maior conscientização da população acerca do uso adequado dos fitoterápicos, para que, deste modo, a população tenha condições de aproveitar os benefícios desses medicamentos, sem que para isso, ponha sua saúde em risco.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Anuário Farmaceutico** 2022, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/medicamentos/cmmed/anuario-estatistico-2022> Acesso em: 20 de junho de 2024

CARVALHO, M. C. M. **Construindo o saber: metodologia científica-fundamentos e técnicas**. Papirus Editora, 2021.

CATÃO, R. N. A Homeopatia como a Arte de Cuidar em Saúde. **Revista de Homeopatia**, v. 84, n. 2, p. 75-75, 2023.

CORRÊA, A. D.; BATISTA, R.; QUINTAS, L. E. M. Similia Similibus Curentur: notação histórica da medicina homeopática. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 43, p. 347-351, 1997.

DIAS, J. S.; MELO, A. C.; SILVA, E. S. Homeopatia: percepção da população sobre significado, acesso, utilização e implantação no SUS. **Espaço. saúde (Online)**, p. 58-67, 2014.

ERCOLE, F. F.; MELO, L. S.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, 2014.

ESTEVES, C. O. *et al.* Medicamentos fitoterápicos: prevalência, vantagens e desvantagens de uso na prática clínica e perfil e avaliação dos usuários. **Revista de Medicina**, v. 99, n. 5, p. 463-472, 2020.

FEITOSA, C. D. A.; FERNANDES, M. A. Afastamentos laborais por depressão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 28, p. e3274, 2020.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. 2016.

LOMBARDO, M.. Potencial adverso de medicamentos fitoterápicos: um estudo com foco em medicamentos de registro simplificado. *Revista Ciência e Saúde On-line*, v. 3, n. 1, 2018.

MARQUES, P. A. *et al.* Prescrição farmacêutica de medicamentos fitoterápicos. **Brazilian Journal of Natural Sciences**, v. 2, n. 1, p. 15-15, 2019.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008.

MENDONÇA, R. C. F. de *et al.* Conhecimento popular e automedicação com plantas medicinais em gestantes de um município do Nordeste brasileiro. **R. Saúde Públ. Paraná**. v. 5, n. 3, p.1-23 2022.

MUSSE, F. C. C. *et al.* Violência mental: ansiedade e depressão durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Saúde e Pesquisa**, v. 15, n. 1, p. 1-17, 2022.

OLIVEIRA, A. A.; SALVI, J. O. Percepções de acadêmicos de farmácia sobre a homeopatia. **REVISTA DE HOMEOPATIA**, v. 77, n. 1/2, p. 16-20, 2014.

OLIVEIRA, G. L. *et al.* Plantas medicinais para o tratamento de depressão e ansiedade em Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil. **Revista Mosaicum**, v. 35, n. 35, 2022.

REBELO, I.; BARBOSA, S. M.; OLIVEIRA, C. M. S. Riscos associados à automedicação de fitoterápicos no processo de emagrecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 11, p. 2647-2655, 2022.

SILVA, A. B. *et al.* Caracterização da automedicação por plantas medicinais em pacientes submetidos ao tratamento antineoplásico. **Interfaces Científicas-Saúde e Ambiente**, v. 6, n. 1, p. 63-74, 2017.

SILVA, B. V. *et al.* Prevalência da automedicação em mulheres. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**-ISSN 2675-6218, v. 2, n. 11, p. e2111037-e2111037, 2021.

SILVA, J. G. *et al.* A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da enfermagem. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 1570-1577, 2018.

SILVA, M. A. *et al.* Avaliação de práticas e saberes sobre fitoterapia e automedicação entre graduandos de enfermagem: Um estudo transversal. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e45610918173-e45610918173, 2021.

SILVA, M. S. C.; GUEDES, J. P. Segurança no uso de plantas medicinais e fitoterápicos durante a gestação. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e4611729431-e4611729431, 2022.

SOUSA, L. M. M. *et al.* A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista investigação em enfermagem**, v. 21, n. 2, p. 17-26, 2017.

SOUZA, R. J.; BARBOZA, E. M.; CERQUEIRA, T. P. Interações medicamentosas e efeitos adversos relacionados ao uso de fitoterápicos. **REVISE-Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde**, v. 3, n. 00, 2018.

VANZELA, C.; BITENCOURT, R. M. Homeopatia: terapia alternativa ou efeito placebo. **Revista Unoesc & Ciência-ACBS Joaçaba**, v. 8, p. 59-66, 2017.

VERISSIMO, S. L. *et al.* Solidão e Sintomas de Depressão, Ansiedade e Estresse em Adultos Durante a Pandemia da COVID-19. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 15, n. 2, p. 35-53, 2023.

VIEIRA, E. O. G.; FERNANDES, R. M. Tr. Efeitos tóxicos de plantas medicinais comercializadas in natura no Município de São Luís/MA: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e55910514821-e55910514821, 2021.

WANG, F. *et al.* Synthesis, biological function and evaluation of Shikonin in cancer therapy. **Fitoterapia**, v. 134, p. 329-339, 2019.

ZAMPIROLI, A. C. *et al.* Utilização de medicamentos e plantas medicinais por gestantes atendidas na unidade de saúde da mulher em Alegre, ES, Brasil. **Infarma: Pharmaceutical Sciences**, p. 349-356, 2017.